BREVE NOTICIA

ÁCERCA DAS

OSSADAS E CORPOS DESSECADOS

ULTIMAMENTE DESCOBERTOS

NA

ERMIDA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

A SANTA APOLONIA

POR

F. PALHA

1871

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6 Rua do Thesouro Velho 6

BREVE NOTICIA

ÁCERCA DAS

OSSADAS E CORPOS DESSECADOS

ULTIMAMENTE DESCOBERTOS

NA

ERMIDA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

A SANTA APOLONIA

POR

F. PALHA



1871

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6 Rua do Thesouro Velho 6

Para mim não ha fascinação como a do tumulo.

Quando entro n'um cemiterio cuido transpôr o limiar de um mundo novo; e que as gerações que passaram e ali repousam, vão erguer-se para me contarem os segredos da vida que lhes fugio, — e os mysterios da eternidade que devassam já; mais dolorosa para uns do que a breve passagem na terra, illuminada para outros pelos esplendores que innundam o céo.

Evoco-as, mas as lapides funerarias não se descerram: — interrogo-as, mas o silencio affoga-lhes a voz.

Então, como Eugenio Pelletan, — (e só n'isto

posso imital-o, infelizmente) — pergunto á morte que as tem prostradas e captivas:

«Que pensaram? que fizeram estes homens «d'outros tempos quando estavam de pé?»

Foi esta curiosidade, este interesse de prescrutar o que a tumba esconde, esta melancolica sympathia pelos que estão sós e quasi sempre esquecidos dos que mais amaram, a unica rasão que me levou a colher os esclarecimentos que serviram de base á presente noticia; e parte dos quaes devo á obsequiosa sollicitude dos srs. Antonio Augusto de Aguiar, Francisco Pereira de Figueiredo, Antonio da Silva Tullio, José Maria Antonio Nogueira, Bastos e Campos, dignissimos empregados na Torre do Tombo, e padre Manoel Perdigão, coadjutor do reverendo parocho da freguezia de Santa Engracia.

Agradeço a todos o valioso auxilio que me prestaram; assim como ao sr. Manoel d'Albuquerque, administrador do cemiterio oriental, a benevolencia com que sempre me recebeu e acompanhou no minucioso exame sobre os despojos d'aquelles, cujos nomes e serviços desconhece o maior numero das pessoas que os visitam, incluindo os seus proprios descendentes.

E a estes levo á conta de não haverem estudado as suas arvores genealogicas, ou de completa ignorancia do que se está passando em

Lisboa com os restos mortaes dos seus antepassados, o não terem vindo reclamal-os para lhes darem sepultura condigna.

Possam as linhas que vou escrever, proporcionar-lhes occasião de reivindicarem a santa propriedade que um coração generoso lhes salvou, por emquanto, da valla; e com esta reivindicação a consciencia de haverem cumprido o mais piedoso de todos os deveres.

Julho de 1871.

PRIMEIRA PARTE

I

Na sessão celebrada pela Camara Municipal de Lisboa em 15 de junho ultimo, foi lido um officio do sr. commissario da 1.ª divisão policial, de 12 do referido mez, pedindo «covas separadas «no cemiterio oriental para, pelo menos por al«gum tempo, servirem de deposito ás ossadas «contidas em 14 caixões, que se encontraram no «subterraneo de uma propriedade pertencente á «companhia do caminho de ferro de Norte e «Leste, na calçada de Santa Apolonia; no sup«posto de que possa haver alguma corporação «ou particular, que porventura tenha interesse «em reclamál-os para lhes estabelecer sepultura «mais reservada.

«O sr. Vianna, tomando a palavra, como ve«reador do pelouro dos cemiterios, disse que não «determinando o officio um praso para a dura-

«ção do deposito, e não havendo quem tomasse «a responsabilidade da importancia, *entendia que* «*se não devia satisfazer o pedido.*

«O sr. presidente, *concordando no pensamento* «*com o sr. commissario de policia*, propoz, como «meio de o satisfazer, e sem onus para a ca«mara, que se determinasse o praso de 15 dias «para se guardarem os 14 caixões no dito ce«miterio em local, onde fosse possivel fazel-o, «cessando a responsabilidade do deposito, findos «que sejam os 15 dias sem ter havido reclama«ção. A camara approvou a proposta.[1]

A propriedade a que alludia o officio do sr. commissario da 1.ª divisão, é a ermida de S. Pedro d'Alcantara, e o predio contiguo, descendo a calçada de Santa Apolonia.

No dia 17 de junho, conduzia o carro da misericordia para o cemiterio oriental 12 ossadas (e não 14 como por engano foram denunciadas). Ficaram em deposito n'um pequeno quarto junto á capella do mesmo cemiterio.

Noticiaram os jornaes este facto, accrescentando que seis dos caixões encontrados encerravam seis corpos em notavel estado de conservação, attenta a época em que parecia haverem entrado para aquelle jazigo.

Com effeito, quem hoje concorre ao cemiterio oriental procurando satisfazer a curiosidade que esta noticia suscitou, vê no primeiro caixão, e seguindo a ordem porque estão dispostos, os restos mortaes de um homem, que mede 1^{m},69. Tem o corpo perfeitamente dessecado, especialmente da cintura para baixo. Veste camisa de linho, e

[1] Archivo Municipal de Lisboa, 2.ª série — N.º 30 — Junho — 1871.

cinge-o um cordão pertencente ao habito de S. Francisco, mortalha do defunto. O habito está desfeito no fundo do caixão. Fôra o braço esquerdo d'este cadaver roido por uma toupeira, que, tão bem conservada como o homem, se encontrou pegada ás taboas pelo lado interior do caixão, e perto do braço que roêra.

O caixão que encerra aquelle corpo é exteriormente forrado de sêda que devêra ter sido vermelha ou côr de laranja, e interiormente de sêda escarlate.

*
* *

No segundo caixão repousa uma ossada de homem: junto a essa ossada um cordão de cavalleiro da Ordem de Christo.

*
* *

O terceiro caixão, feito agora, é dividido em quatro compartimentos. Cada um d'esses compartimentos guarda uma ossada, sendo quasi todas ellas incompletas. No ultimo encontra-se uma cota de cadarço, e o espigão dos copos d'uma espada ou espadim, a que erradamente têem dado o nome de acicate.

*
* *

Contém o quarto caixão, que é coberto de baeta negra com uma cruz de panno branco, o corpo de uma senhora. Mede a referida senhora $1^{m},43$. Veste o habito de S. Francisco, e sobre elle um vestido que parece ter sido de touquim preto. Na cabeça longo véo que se lhe estende quasi até os pés. Entrelaça-lhe as mãos um rosario de coquilho. Tem a lingua de fóra, e o labio superior pegado á cartilagem do nariz.

De todas as cabeças ali expostas, é esta a mais bem conservada; mas nunca vi aspecto tão horrendamente afflictivo. Do pescoço pende-lhe um escapulario de Nossa Senhora do Carmo. Dentro d'este caixão foram encontradas tres bullas, impressas, do papa Clemente 11.º, e a concessão de jubileu e indulgencias, que abaixo transcrevo.

Estes papeis estão, não sei porque nem para que, n'um dos commissariados de policia.

Das tres bullas, uma era a bulla da santa cruzada; outra, uma bulla de composição, pela qual *D. Joanna Maria* pagára 100 réis, preço que abona a insignificancia do erro, de que pela mencionada bulla fôra absolvida. Missa a que assistiu com menos attenção, ou levissima murmuração contra o proximo.

Na terceira se declarava que *D. Joanna Maria* déra 50 réis de esmolla; ficando assim habilitada a livrar das penas do purgatorio a alma pela qual offerecesse a esmolla dada. Esta operação não poderia porém realisar-se se a dita *D. Joanna* não tivesse a bulla da santa cruzada, que custava dois tostões. Cada alma saía por consequencia a 250 rs. Era barato. Mais custa hoje a tirar uma galinha da praça da Figueira.

Tambem constava do alludido documento que, tanto D. Joanna, como outra qualquer pessoa que assim o quizesse, poderia por aquelle simples processo despenar tantas almas quantas fossem as moedas de 50 réis offerecidas á curia romana.

Assim se ia despovoando o purgatorio, e enchendo o cofre de S. Pedro.

Como se tem abusado, em nome de Deus, da timidez das consciencias e da pureza da fé!

Copio agora a concessão que acompanhava as tres bullas:

«Pedro Hasse de Belem, conego prebendado na «sé de Lisboa, do Conselho de Sua Magestade e «do Geral do Santo Officio, Inquisidor da Corte, «e Commissario Geral Apostolico da Bulla da «Santa Cruzada n'estes Reynos e senhorios de «Portugal etc.

«Fazemos saber a vós *D. Joanna Maria* que, «porquanto tendes tomado a bulla da Santa «Cruzada este presente anno de (a data em «branco) e dado a esmolla d'ella, e hora déstes «mais um vintem, tomando este papel com o «vosso nome escripto, n'elle ganhaes o jubileu «de seis mezes com as indulgencias, perdões, «graças e faculdades por sua santidade concedi-«das pela maneyra e fórma declaradas na Bulla «da Cruzada.

«Pedro Hasse de Belem.»

Era o systema dos addicionaes, applicado aos direitos da barreira celestial.

*
* *

Occupa o quinto caixão, exteriormente forrado de seda branca e interiormente de seda escarlate, uma creança. Veste mortalha branca, e mede setenta e dois centimetros.

*
* *

No sexto caixão, forrado como o antecedente, jaz uma menina. Mede 1^{m},07. A dessecação é perfeita desde o pescoço até os pés. Está amortalhada n'um vestido de riquissima seda clara com ramos de cores e borboletas de oiro. Por baixo do vestido — saia de damasco vermelho, que foi orlada de oiro. Calça botina escarlate e verde com enfeites de galão de oiro, e salto

alto. Tem posta na cabeça uma cabelleira de cabello castanho; observando-se por baixo d'ella, e em redor do craneo, uma franja do proprio cabello, que era loiro.

*
* *

Uma ossada de mulher foi collocada no setimo caixão, feito de novo, por se haver inutilisado, no acto da trasladação, aquelle em que fôra encontrada no jazigo.

*
* *

É o oitavo caixão forrado de baeta negra, e serve de leito ao corpo mirrado de um cavalleiro de Christo, que mede 1^{m},61. Veste gibão e calção de baeta negra, ambos caseados como o são as bécas dos desembargadores. Cae-lhe dos hombros o manto de cavalleiro da Ordem de Christo, e calça bota alta, que ainda se conhece ter sido vermelha. Pende-lhe ao lado um espadim do tempo de D. João IV. Por cima do fato de cavalleiro vestia o habito de S. Francisco, que está despedaçado.

*
* *

No nono e ultimo caixão, forrado de seda que foi encarnada, descança o corpo de uma senhora que mede 1^{m},62. Serve-lhe de mortalha o habito de S. Francisco, e sobre o habito um vestido de seda de ramagens. Nota-se que nas mangas, que eram tufadas, como indica a posição e altura em que ficaram os braços, havia rendas. Os cabellos são loiros, e desprendem-se em duas tranças pelas costas abaixo. As pontas das tranças estão um pouco deterioradas pela acção da cal.

II

A ermida de S. Pedro d'Alcantara, e a casa que lhe fica pegada para o lado do poente, eram propriedade de Luiz de Abreu e Freitas. N'uma quina do que foi palacio e hoje é pardieiro, se descobrem ainda as armas d'aquella familia, que se compõem de cinco cotos d'azas na pala direita do escudo (Abreus), e cinco estrellas de seis pontas na pala esquerda (Freitas.)

Affirma o padre Carvalho, na chorographia portugueza, que Luiz de Abreu e Freitas fôra o fundador da ermida: e posto que muitos julgam não merecerem inteiro credito os esclarecimentos dados por aquelle auctor, e ser elle na realidade muitas vezes omisso, parece não se haver enganado quando trata este assumpto. Nem é difficil acreditar que sendo Luiz d'Abreu e Freitas casado em terceiras nupcias com D. Anna da Fonseca, filha de D. Pedro da Fonseca, da Villa de Alcantara em Castella, e sobrinha neta do santo, cuja invocação teve a ermida, quizesse pelos proprios sentimentos religiosos, e por comprazer com a natural devoção de sua mulher, commemorar, por modo tão conforme á pessoa, as virtudes do venerando varão. Accresce que, se consultarmos os livros dos obitos da freguezia de Santa Engracia, em nenhum d'elles encontrâmos referencia áquella ermida anteriormente ao fallecimento de Luiz de Abreu; e no assentamento da morte d'elle se lê: «Foi sepultado no carneiro *que fez* na «sua ermida de S. Pedro d'Alcantara. [1]

[1] Livro 1.º dos obitos da freguezia de Santa Engracia, f. 156, v.

Descendeu Luiz d'Abreu e Freitas de uma stirpe illustre, cuja varonia é anterior á fundação da monarchia, pois veiu de Gonçalo Rodrigues de Abreu, que com outros fidalgos acompanhou da Galliza o conde D. Henrique, e foi n'este reino senhor de muitas villas e logares, Rico Homem, e mordomo-mór d'el-rei D. Affonso Henriques.

Seu avô, Gaspar de Abreu Golias, casára com D. Catharina de Freitas Peixoto, natural de Aróes, junto a Guimarães. Por este casamento entrou na familia dos Abreus o appelido de Freitas, que Antonio de Abreu e Freitas, pae de Luiz de Abreu e Freitas, usou primeiro.

Mais explicitos do que a chorographia portugueza, o *Nobiliario das Familias illustres de Portugal*, e as *Familias de Portugal* de Jacyntho Leitão Manso de Lima, manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa, dão-nos perfeito conhecimento das pessoas que n'esta familia se tornaram destinctas pelas lettras e pelos bons serviços prestados á patria. Occupar-nos-hemos unicamente d'aquellas que tiveram por chefe o edificador da ermida, e que teem immediata relação com esta noticia.

*
* *

No reinado de Filippe III foi Luiz de Abreu e Freitas thesoureiro do conselho da corôa em Madrid, recebendo pelo exercicio d'este logar o ordenado de 40:000 réis mensaes. [1]

Depois da acclamação d'el-rei D. João IV voltou para Portugal, onde lhe não causou damno a adhesão ao rei castelhano, pois exerceu o cargo de escrivão do desembargo do paço, e ser-

[1] Consta de um documento existente na Torre do Tombo.

viu de secretario das justiças na menoridade de Pedro Sanches Farinha. Foi além d'isso secretario da meza dos tres Estados; escrivão da camara da rainha duqueza; fidalgo da casa real; cavalleiro e commendador da ordem de Christo.

Casou trez vezes.

A 1.ª com

D. Luiza de Faria da Costa de quem teve:

Bernardino da Costa, que foi mui versado nas lettras humanas, segundo Manso de Lima; e morreu de 18 annos.

Gaspar de Abreu e Freitas.

A 2.ª com

D. Margarida de Miranda de quem teve:

D. Margarida de Miranda.

Apesar de Jacyntho Leitão Manso de Lima attribuir esta filha ao primeiro matrimonio, José Freire de Montarroyo suppõe-n'a, e com rasão, filha do segundo; bastando para o comprovar a similhança do nome, e ainda mais a do appellido.

A 3.ª com

D. Anna da Fonseca de quem não teve successão.

Falleceu *Luiz de Abreu e Freitas* aos treze dias do mez de maio de 1659, com todos os sacramentos. [1] Fez testamento; ficando herdeira e testamenteira sua mulher D. Anna da Fonseca, que, seis annos e quatro mezes depois, foi unirse a elle, dando a alma ao creador no dia 12 de setembro de 1665. [2]

[1] L.º 1.º dos Obitos da f. de Santa Engracia fol. 156, v.
[2] Idem — fol. 197, v.

A *Luiz de Abreu e Freitas* succedeu seu filho *Gaspar de Abreu e Freitas.*

Ácerca d'este personagem escreve Manso de Lima o seguinte:

«Diz elle mesmo n'uma relação que deu no «anno de 1683 ao Cardeal de Lencastre, emen«dando alguns êrros e faltas de noticias que ha«via em outra, que o mesmo cardeal tinha feito «sobre a mesma materia, — que fôra destinado «á egreja como filho segundo; e que fôra pagem «do cardeal infante D. Fernando. Aos quatorze «annos foi conego de Guimarães, logar que re«nunciou em Paulo Barroso; e aos desesete, chan«tre da Sé d'Elvas!

Se lhe não morre o irmão primogenito, era Papa antes de fazer a barba! O privilegio dominava n'aquelles tempos com o seu numeroso cortejo de absurdos, de ridiculos, e de iniquidades tambem.

Com tão percoce merecimento não admira que chegasse, cursando os estudos superiores, a occupar logares imminentes, taes como o de enviado do principe D. Pedro a Carlos II, rei da Grã Bretanha, no anno de 1668; de ministro residente em Roma; e de embaixador ordinario junto á côrte de Londres, onde, como fica dito, já estivéra anteriormente.

Existem na Bibliotheca Real da Ajuda, no livro 44 de *papeis varios de Portugal*, officios de Gaspar de Abreu e Freitas, que o visconde de Santarem [1] classifica de muito interessantes, e que já foram publicados. Foi fidalgo da caza real, commendador da ordem de Christo, conselheiro da fazenda e veador da princeza D. Izabel.

[1] Quad. Elem.

Casou duas vezes.

A 1.ª com sua prima

D. Ursula de Abreu,

de quem teve

4 *filhos que morreram meninos.*

Esta senhora falleceu em Roma com mais de sessenta annos de idade; e foi por suas virtudes tão respeitada e estimada do papa Clemente X, que apenas enfermou se viu rodeada dos medicos de sua santidade. Abençoou-a o chefe da egreja catholica, na hora da morte; e no dia seguinte ao do passamento, disse-lhe missa por alma; sendo imitado por todos os cardeaes, que estavam na cidade eterna.

Não consta, nem é natural, que o cadaver de D. Ursula viesse para Portugal.

Casou *Gaspar de Abreu e Freitas* 2.ª vez, com

D. Joanna Maria Pereira de Torres e Aguiar, filha do dr. Luiz Gomes de Basto, desembargador do paço, do conselho d'el-rei, fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Bernardina de Torres Aguiar;

e teve:

Luiz de Abreu e Freitas,

D. Jesefa Maria Magdalena Pereira.

D. Anna Bernardina Clara Pereira.

No testamento [1] feito poucos dias antes de morrer, declara elle que seu filho Luiz tinha n'aquella época oito para nove annos; sua filha Josefa trez para quatro, e que sua filha Anna ia em dois.

Falleceu em 23 de janeiro de 1686.

*
* *

D. Margarida de Miranda, irmã do dr. Gaspar,

[1] Existe na contadoria do hospital de S. José.

casou em Madrid com D. Filipe de Gante e Baçon

De quem teve:

Filipe, — depois fr. Filipe da Madre de Deus, religioso descalço de Santo Agostinho, lente e difinidor, e homem de sã consciencia e de sãos principios.

D. Filipa de Ribeira de Gante, que casou em Gua dalatara com D. Gabriel Soares Hembrom y Avila: e outros que morrêram meninos.

Ou porque enviuvasse, ou porque de Hespanha nem bom vento nem bom casamento, certo é que D. Margarida estava em Portugal quando seu irmão fez testamento, porque é contemplada n'elle com a quantia de cem mil réis annuaes *emquanto permanecesse nestes reinos*.

Pouco se gosou do legado, pois morreu em Lisboa aos onze dias do mez de outubro de 1689, tres annos e dez mezes depois do fallecimento de seu irmão.

*
* *

A *Gaspar de Abreu e Freitas* succedeu o primogenito do seu segundo matrimonio, *Luiz de Abreu e Freitas*.

Antes dos nove annos requeriam para o menino o grau de cavalleiro da ordem de Christo [1] em attenção aos serviços de seu pae, que por elles já tinha sido cavalleiro e commendador da mesma ordem. Não critiquemos, que hoje ha absurdo maior; a hereditariedade do pariato. Foi fidalgo da casa real, e desembargador dos aggravos. No testamento de sua mãe D. Joanna Maria Pereira [2] ha referencias ao tempo em

[1] Existe o requerimento na Torre do Tombo.
[2] Existe na contadoria do Hospital de S. José.

que Luiz de Abreu serviu na relação do Porto. Sendo moço ainda, aposentaram-n'o no logar de desembargador, e largou a béca. Se apparecêsse documento comprovando que Luiz de Abreu e Freitas olhava com horror para as ordenações, e fôra cabula na universidade, que frequentou vivendo com largueza maior do que a que pediam a sua posição e os seus haveres, não me surprehendera, — porque o desgraçado foi poeta.

Ás lettras se applicou elle com grande felicidade; e teve uma memoria que parecia prodigio. Foi generoso e discreto — qualidades proprias dos elevados espiritos; sociavel e de agudas respostas.

Manso de Lima termina os esclarecimentos que nos fornece a este respeito, com um triste e laconico epilogo — «*Teve mais merecimento do que fortuna.*»

Se em vez de ter sido quanto foi, vendesse carne humana; emprestasse aos pobres com o modico juro de trez pintos por moeda de oiro; ou se se impingisse director de todas as companhias do seu tempo, e fosse um trapalhão encartado, não teria tido merecimento algum, mas andar-lhe-hia a fortuna escarranchada no cachaço. É d'estes óvos que saem os alarves que Deus protege.

Falleceu, solteiro, aos 26 do mez de junho de 1726 com os sacramentos da penitencia e extrema uncção; e não recebeu o sagrado viatico por incapacidade corporal, como consta do livro 3.º dos obitos da freguezia de Santa Engracia, fol. 174.

*
* *

Extincta a varonia de tão nobre familia no

*

ultimo suspiro de Luiz de Abreu e Freitas, — succedeu-lhe sua irmã *D. Josefa Maria Magdalena Pereira*, que casou dûas vezes.

A 1.ª com

Diogo Nicolau Miguel de Saldanha, segundo filho do morgado da Oliveira —Antonio de Saldanha de Oliveira e Souza;

e teve

Antonio Nicolau de Saldanha d'Oliveira e Souza.

Gaspar, que morreu menino; de quem os genealogicos, que consultei, não fallam; mas cuja certidão de baptismo é do theor seguinte:

«Aos 14 dias do mez de julho de 1712 annos «batisei e puz os santos oleos a Gaspar, filho «de Diogo Nicolau Miguel de Saldanha, já de-«funto, e de sua mulher D. Josefa Maria Mag-«dalena. (Livro 4.º dos baptismos da freguezia de Santa Engracia fol. 16 v.)

Tendo Diogo Nicolau Miguel de Saldanha fallecido em 4 de junho de 1712, casou D. Josefa segunda vez com Caetano Francisco Cabral de Menezes, irmão do sr. de Belmonte;

e d'elle teve

Maria, menor, fallecida no dia 10 de dezembro de 1728; isto é, dez mezes menos tres dias depois do fallecimento de sua mãe, que succumbira a um accidente apopletico[1] no dia 13 de março d'aquelle mesmo anno, e contando 46 annos de idade.

A terceira filha de Gaspar de Abreu e Freitas *D. Anna Bernardina Clara Pereira*, professou no *mosteiro de Santa Clara*, onde se finou.

[1] Livro 3.º dos obitos da freguezia de Santa Engracia, fl. 190 v.

III

Pelo fallecimento de D. Josefa Maria Magdalena Pereira, passou a administração e representação da casa dos Abreus e Freitas para Antonio Nicolau de Saldanha e Souza, filho da referida D. Josefa.

Casou elle com D. *Francisca Antonia d'Azevedo Corte Real*; e teve

D. Marianna Victoria de Saldanha d'Azevedo e Tavora.

D. Anna Jeronima de Saldanha e Tavora.

D. Josefa de Saldanha e Tavora.

*
* *

D. Marianna Victoria, succedendo no vinculo a seu pae Antonio Nicolau de Saldanha e Souza, casou com José Pedro da Camara; e teve

D. Maria Rosa de Saldanha Rohan da Camara, unica successora, que desposou D. Luiz Antonio de Lencastre, conde de Louzã;

e teve

D. Marianna Antonia de Saldanha e Lencastre, condessa de Louzã, casada com D. Diogo de Menezes e Noronha, e fallecida sem successão.

Pela falta de successão da condessa de Louzã D. Marianna, e porque sem successão morreram os filhos de sua irmã D. Anna, passaram os bens pertencentes aos Abreus e Freitas para a ex.^{ma} sr.^{a} D. Francisca de Paula Falcão de Saldanha, neta de D. Josefa de Saldanha Tavora, terceira filha de Antonio Nicolau de Saldanha.

Esta senhora, viuva de seu tio José Antonio de Souza Menezes, reside hoje na cidade de

Braga com seu filho José de Souza de Saldanha e Menezes.

Não só para melhor intelligencia, mas tambem porque por elle se evidenceia com quanta falta de fundamento, e quão injusta foi a supposição d'algumas pessoas que deram curso á errada versão de que as ossadas e corpos dessecados, descobertos na ermida de S. Pedro d'Alcantara, eram de ascendentes dos actuaes condes de Rio Maior, publíco o ramo da arvore genealogica de Saldanha Menezes que tem relação com o assumpto. *(Vid. in fin.)*

Para quem trata e conhece os mencionados condes, o unico e mais valioso argumento em contrario era a posição expectante que ss. ex.as tomaram desde que foi effectuado um descobrimento que, a ser verdadeira a versão, tão de perto lhes tocava.

Não correram immediatamente a recolher aquellas cinzas que lhes seriam preciosas? Não obstaram a que a mão dos indifferentes tocasse as reliquias venerandas? Não as conduziram, minutos depois de descobertas, para logar vedado, e onde á sombra da cruz podessem continuar o somno que a *utilidade publica*, essa grande egoista, foi perturbar-lhes aos golpes de picareta? Logo, os condes de Rio Maior nada tinham de commum com aquelles despojos.

Para os que os não conhecem, nem tratam, ahi fica patente que, descendendo em linha recta dos morgados da Oliveira, os condes de Rio Maior não teem ligação alguma com os avós e paes d'uma senhora que foi entroncar-se no ramo transversal da sua familia. O mesmo succede com o actual conde da Louzã, que é filho do 2.º matrimonio do conde da Louzã, D. Dio-

go, cuja primeira mulher foi quem representou a casa dos Abreus e Freitas; e, como disse já, morreu sem successão.

IV

Conhecidos os individuos que desde a fundação da ermida formaram a nobilissima familia que tanto se honrou, honrando as lettras e a patria, vejamos agora quaes os membros d'ella existentes no deposito do cemiterio oriental.

Doze são as ossadas e corpos expostos ali; e doze os assentamentos nos livros de obitos da freguezia de Santa Engracia relativos ás pessoas recolhidas no jazigo da ermida de S. Pedro de Alcantara.

Eil-os pela sua ordem chronologica:

1.º

«Aos tres dias do mez de maio de 1659 fal-«leceu, com todos os sacramentos, *Luiz de Abreu* «*e Freitas*, e está sepultado em um carneiro «que fez na sua ermida de S. Pedro d'Alcan-«tara.

(*L.º 1.º dos obitos, fol.* 156, *v.*)

2.º

«Aos sete dias do mez de agosto de 1663 fal-«leceu *D. João*, filho de D. Anna da Fonseca, «que com ella morava nas suas casas de Santa «Apolonia, e dizem ser casado em Leiria; en-«terrando-se na ermida de S. Pedro d'Alcanta-«ra, ali mesmo.

(*Idem, fol.* 185)

3.°

«Aos doze dias do mez de setembro de 1665 «falleceu *D. Anna da Fonseca*, mulher que foi «de Luiz de Abreu e Freitas. Fez testamento, «mandando-se enterrar no seu carneiro da er- «mida de S. Pedro d'Alcantara.

(*Idem, fol.* 197, *v.*)

4.°

«Aos dez dias do mez de fevereiro de 1669 «falleceu *D. Brites*, sogra do dr. Gaspar de «Abreu e Freitas, com todos os sacramentos; «e está sepultada na ermida de S. Pedro d'Al- «cantara a Santa Apolonia.

(*Idem, fol.* 225, *v.*)

5.°

«Aos vinte e tres dias do mez de janeiro de «1686 falleceu, com todos os sacramentos, o dr. «*Gaspar de Abreu e Freitas*, marido de D. Joanna «Pereira. Está sepultado em sua ermida de S. «Pedro d'Alcantara.»

(*L.° 2.° fol.* 77, *v.*)

6.°

«Aos onze dias do mez de fevereiro de 1689 «falleceu *D. Margarida*, irmã do dr. Gaspar de «Abreu e Freitas, com todos os sacramentos, e «está sepultada na ermida de S. Pedro d'Al- «cantara, junto a Santa Apolonia.»

(*Idem, fol.* 118).

7.º

«Aos quatro dias do mez de junho de 1712 «falleceu, com todos os sacramentos, *Diogo Ni-* «*colau Miguel de Saldanha*, casado com D. Jose- «fa; e está sepultado no carneiro da sua ca- «pella de S. Pedro d'Alcantara.

(*L.*º 3.º *fol.* 47, *v.*)

8.º

«Aos vinte e tres dias do mez de dezembro «de 1714 falleceu *Gaspar*, menor, filho de Dio- «go Nicolau Miguel de Saldanha, já defunto; «e está sepultado no carneiro da ermida de S. «Pedro d'Alcantara.

(*Idem*, *fol.* 72)

9.º

«Aos tres dias do mez de agosto de 1717 «falleceu, com todos os sacramentos, *D. Joanna* «*Maria Pereira*, viuva de Gaspar de Abreu e «Freitas, e está sepultada na sua capella de S. «Pedro d'Alcantara.

(*Idem*, *fol.* 91).

10.º

«Aos vinte e seis dias do mez de junho de «1726 falleceu com os sacramentos da peniten- «cia e extrema uncção, e não recebeu o sagra- «do viatico por incapacidade corporal, *Luiz de* «*Abreu e Freitas*, desembargador que foi da casa «da supplicação. Está sepultado na ermida de «S. Pedro d'Alcantara.

(*Idem*, *fol.* 174).

11.º

«Aos treze dias do mez de março de 1728,
«falleceu de um accidente apopletico, sem sa-
«cramentos, *D. Josefa Maria Magdalena Pereira*
«casada com Caetano Francisco Cabral; e foi se-
«pultada na ermida de S. Pedro d'Alcantara.

(*Idem, fol.* 190, *v.*)

12.º

«Aos dez dias do mez de dezembro de 1728
«falleceu *D. Maria*, menor, filha de Caetano
«Francisco Cabral e de D. Josefa Maria Perei-
«ra, e foi sepultada na ermida de S. Pedro
«d'Alcantara.

(*Idem, fol.* 197, *v.*)

Estes documentos, sem contradicção, não nos revelam a verdade toda. Sabemos quem eram, e como se chamavam no mundo aquelles que o mundo inquieta ainda, mais de cem e mais de duzentos annos depois de haverem encostado a cabeça na sombria morada onde contaram encontrar o descanço eterno. Falta-nos porém fixar esses nomes em cada um d'elles.

Será possivel fazel-o?

Entre as quatro ossadas divididas pelos compartimentos do 3.º caixão, e a ossada de mulher que se encontra no 7.º caixão, difficilimo seria distinguir qual é a do fundador da ermida, qual a de seu enteado D. João, quaes as de D. Anna da Fonseca, de D. Brites, e de D. Margarida; mas o que para mim é certissimo é que as cinco ossadas a que me refiro, são

as das cinco pessoas cujos nomes acabei de citar.

A esta conclusão me conduzem as indagações feitas ácerca dos sete finados restantes; e os indicios vehementes que quasi constituem prova, com respeito áquelles dos mesmos sete que não a teem clara e terminante.

*
* *

Procuremos primeiro o vulto mais notavel de toda aquella familia, — o dr. Gaspar de Abreu e Freitas.

Diga-nos elle mesmo qual foi a sua mortalha:

«Quando Deus for servido levar-me para si, «será meu corpo vestido no habito de S. Francisco, e *por cima* o manto da ordem de Christo «na fórma que se costuma aos cavalleiros da «dita ordem...» [1]

A ossada que está no 2.º caixão, e *que não é aquelle em que foi encontrada no jazigo*, conserva unicamente o cordão de cavalleiro de Christo; mas quem visitar o carneiro da ermida de S. Pedro d'Alcantara, como mais de uma vez a tenho visitado, graças á obsequiosa amabilidade da direcção da companhia do caminho de ferro do norte e leste, e dos srs. Calderon, Cohen e Queriol, encontrará junto ás taboas desconjuntadas de um caixão grandes pedaços de um habito, e um manto da ordem em que o dr. Gaspar de Abreu e Freitas era cavalleiro e commendador.

Tal qual a mortalha escolhida e determinada por elle no seu testamento.

[1] Testamento de Gaspar de Abreu e Freitas, existente na contadoria do Hospital de S. José.

Os estragos que apresenta esta ossada denotam que, sem haver pertencido a nenhum dos cadavares que primeiro entraram no jazigo de S. Pedro d'Alcantara, é comtudo a mais antiga de todas as que se mostram em melhor estado de conservação; o que perfeitamente se harmonisa com as datas dos fallecimentos dos que ali se encontram, e dá ao juizo que fórmo um grau de probabilidade que attinge quasi a certeza.

Note-se que é aquella ossada a unica, entre as mais bem conservadas, que está nua; o que indica pertencer-lhe o habito e o manto esquecidos á entrada do jazigo, manto e habito que não podiam ser de nenhum outro, porque todos teem as suas mortalhas, mais ou menos deterioradas, sim; — mas ali.

Sendo além d'isso quasi averiguado, que os corpos dessecados pertencem todos aos personagens da familia Abreu e Freitas fallecidos no seculo XVIII, a ossada em questão é de um dos que falleceu no seculo XVII; e entre esses só o dr. Gaspar poderia ter aquelle manto.

Pela pessoa que primeiro entrou no jazigo, no dia em que as ossadas foram descobertas, fui informado da maneira porque estavam collocados os caixões dentro do mesmo jazigo: e essa collocação esclarece mais o ponto. Sobre uma especie de degrau, que corre ao longo da parede principal, n'um caixão separado de todos os outros, e como que presidindo á silenciosa e lugubre reunião, via-se *uma ossada* meia desfeita já, *e sem mortalha alguma*. No chão, e junto ao degrau, cinco caixões. Do lado direito, e unidos, dois; um dos quaes encerrava a senhora que tem o rosario nas mãos, e o outro um *esqueleto com o habito de S. Francisco*. Do lado

esquerdo quatro caixões, e entre elles os das duas creancinhas.

Para os que sabem com que entranhado amor, e com que profunda veneração os nossos maiores olhavam para a santa instituição da familia, não póde haver duvida de que no logar superior, dominando filhos e netos, primeiro ainda além da campa e a despeito da igualdade perante a morte, estava o chefe da casa, o senhor que tudo podia e tudo mandava.

Ao lado direito — o primogenito; o que augmentára as glorias tradicionaes dos Abreus e Freitas, e junto ao qual as mãos piedosas dos filhos depozeram o corpo da querida companheira dos seus ultimos dias.

D. Josefa, e os dois innocentes filhos d'ella, e o primeiro marido, do lado esquerdo; todos prematuramente roubados á vida, e como que, em compensação, conchegados todos n'aquelle socegado ninho.

Não ha invenção, não ha romance, não ha phantasia em tudo isto. Estavam assim.

A disposição dos caixões vem portanto corroborar a minha opinião; porque a senhora cujas mãos estão enterlaçadas pelo rosario de coquilho era D. Joanna Maria Pereira, segunda mulher de Gaspar de Abreu e Freitas; e a ossada que lhe estava ao lado, amortalhada conforme as indicações do testamento d'elle, e posta ali decerto intencionalmente, não póde ser senão a do mesmo Gaspar d'Abreu.

* * *

E já que fallei em D. Joanna Maria Pereira, e porque de seu marido acabo de me occupar, julgo esta a occasião propria para demonstrar

que é ella a senhora encerrada no 4.º caixão.

Como primeira prova, e bastaria para convencer, temos as tres bullas de Clemente XI, e a concessão de jubileu e indulgencia, encontradas sobre aquelle corpo, e nas quaes se lê o nome de D. Joanna Maria, que é exactamente o nome da segunda mulher de Gaspar de Abreu e Freitas.

E se houvesse espirito por tal fórma exigente que se recusassse a acceitar o apparecimento das bullas como signal que denuncia evidentemente ser D. Joanna Maria Pereira a pessoa que ali jaz, todos os escrupulos e todas as duvidas cessariam com a leitura do seguinte periodo, fielmente copiado do testamento d'aquella dama, — e no qual mandou que a amortalhassem

«no habito do serafico S. Francisco, e por cima
«o meu traje de viuva: e serei mettida em um
«caixão coberto de baêta negra, com uma cruz
«de pano branco, guarnecida de nastro da mes-
«ma côr; e serei sepultada no jazigo que tenho
«na ermida de S. Pedro d'Alcantara, nas casas
«em que vivo, e em que está sepultado meu
«marido.»

Quanto D. Joanna determinára no testamento, encontra-se cumprido. — O habito, o vestido, a côr do caixão, a qualidade da fazenda que o forra, e até o guarnecimento da cruz, que é de nastro branco, — tudo conforme com o que ella indicára. Não póde haver mais completa evidencia.

Entre o fallecimento de D. Joanna Maria Pereira e o de seu marido Gaspar de Abreu e Freitas mediaram trinta e um annos; o que ex-

plica a grandissima differença que ha na conservação de um e de outro.

*
* *

O cavalleiro de Christo que tanto attrae as attenções, e descança no oitavo caixão, deve ser Luiz de Abreu e Freitas, o primogenito de Gaspar e de D. Joanna. Misturam-se a béca e o traje de cavalleiro n'aquella mortalha; e desembargador não havia ali outro senão o dr. Gaspar de Abreu, seu pae, já conhecido do leitor na humildade do habito franciscano.

Nem surprehende a especie de distincção que parece ter havido na mortalha d'aquelle cadaver, porque a irmã de Luiz de Abreu, D. Josefa Maria Magdalena Pereira, unica pessoa de familia que em 1726 restava ao que teve mais merecimento *do que fortuna*, dedicava-lhe um extremoso affecto.

Fôra elle o companheiro dos seus primeiros annos; tinha-o escolhido para padrinho do primeiro filho, [1] e do segundo casamento; [2] e até consentira em suavisar-lhe algumas difficuldades da vida com sacrificio proprio, como seria facil pôr a claro por documento authentico, se o não impedisse o respeito devido aos mortos. Estas circunstancias, que asseguram fraternal intimidade, concorrêram decerto para que D. Josefa, com a delicadeza tão peculiar no coração das mulheres, quizesse que o que fôra embalado no mesmo berço, o irmão da sua alma, o ultimo varão da familia, e que não casára talvez na intenção de que o vinculo e todos os bens de seus paes pas-

[1] Livro dos baptismos da freguezia de Santa Engracia.
[2] Livro dos casamentos da mesma freguezia.

sassem aos filhos d'ella, — descesse á sepultura com todas as galas da sua elevada posição social.

O que parece vaidade, póde ter sido, e foi decerto, o derradeiro e sincero tributo de veneração profunda e de agradecido amor.

*
* *

Animemos agora os ultimos quatro, que, ao lado esquerdo do jazigo, formavam como que uma familia á parte. Eram a senhora que se contempla no 9.º caixão; o homem que está no 1.º; e as duas creanças que jazem no 5.º e no 6.º

Antes de proceder a averiguações nos livros da freguezia de Santa Engracia, alcancei de dois amigos meus, destinctos na sciencia, os professores da Escola Polytechnica Francisco Pereira de Figueiredo e Antonio Augusto de Aguiar o favor de me acompanharem ao cemiterio oriental, e de examinarem, como competentes que são, as ossadas e os corpos dessecados, que fazem o objecto d'esta noticia. Um d'elles devia distinguir entre as ossadas incompletas — quantas seriam as de mulher e quantas as de homem; o outro esclarecer-me sobre se nos corpos dessecados haveria preparação que motivasse o estado de conservação em que se encontravam. Chegados ao 9.º caixão — ambos elles foram concordes em que aquelle corpo fôra um dos que entrára no jazigo ha menos tempo; e que pouco mais de quarenta annos teria, na época do fallecimento, a senhora de quem elle era.

Vieram depois os assentamentos confirmar-nos que a sciencia disséra mais uma vez a verdade.

»Aos 11 dias do mez de junho de 1662 ba-
«ptisei e puz os santos oleos a Josefa, filha do
«dr. Gaspar de Abreu e Freitas, e de sua mu-
«lher D. Joanna Maria Pereira. Foram padrinhos
«Bartholomeu Lobo da Gama, e madrinha D.
«Agueda d'Abreu.

(L.º dos baptismos da freguezia de Santa Engracia.)

A data do fallecimento de D. Josefa, como se vê do assentamento de obito anteriormente transcripto, foi — 13 de março de 1728; logo falleceu com 46 annos de idade. Consultando os mesmos assentamentos conhecer-se-ha que foi D. Josefa a penultima pessoa depositada no carneiro da ermida de S. Pedro d'Alcantara.

A collocação d'este caixão, junto aos caixões dos dois filhos de D. Josefa e ao que encerrava o corpo do homem que hoje occupa o primeiro logar na exposição, corpo que pela collocação do caixão, e por exclusão de partes, deve ser o de Diogo Nicolau, marido da mesma D. Josefa, fortifica a para mim já formada convicção sobre este assumpto: sendo a base principal em que ella se fundamenta, e que não póde ser destruida, o terem todas as outras senhoras, cujas ossadas estão ali, fallecido de idade avançada, e ser D. Josefa a unica que morreu ainda nova.

As duas creanças são incontestavelmente — Gaspar, filho do matrimonio de D. Josefa Maria Magdalena Pereira com Diogo Nicolau Miguel de Saldanha; e *D. Maria*, filha do matrimonio d'aquella mesma senhora com Caetano Francisco Cabral.

*
* *

Ha em toda esta noticia uma parte de intrin-

cada solução. Ordena-me o dever que me impuz de ser o mais exacto possivel na imformação que a este respeito dou ao publico, o não callar cousa alguma.

Nos livros dos obitos da freguezia de Santa Engracia leem-se unicamente como já disse, *doze* assentamentos com referencia aos mortos entrados no jazigo da ermida de S. Pedro d'Alcantara.

N'esse jazigo não foram encontrados senão *doze* caixões nos quaes repousavam as pessoas, cujos nomes ficam declarados n'este opusculo.

Perfeita conformidade entre as osssadas e corpos dessecados, e o que d'elles consta nos citados livros.

Gaspar de Abreu e Freitas declara porém no seu testamento, que quer ser enterrado na sua ermida de S. Pedro d'Alcantara, *na sepultura em que está seu pae e filha.*

Afóra o jazigo que adiante se descreve, em nenhuma outra parte da ermida se fizeram, nem podiam ser feitos, enterramentos; e ainda que podessem, Luiz de Abreu foi sepultado *no carneiro que fez*, como consta do assentamento do obito, e que é o que foi descoberto agora. Portanto era n'esse carneiro que devia achar-se tambem a filha, a quem o dr. Gaspar allude.

Não existe porém lá; nem nos livros dos obitos da freguezia de Santa Engracia se encontra uma só palavra com referencia a similhante filha.

E comtudo o dr. Gaspar de Abreu e Freitas não a teria decerto mencionado, se a filha não estivesse na sepultura que elle indica.

Debalde procurei descobrir este enigma, mandando, devidamente auctorisado, revolver a grande porção de cal espalhada pelo chão; e cavar na

profundidade de um metro onde parecia que era possivel, ainda que pouco verosimil, achar o encantado corpo. Communicaram-me que por tradição constava estar emparedado n'uma escada interior que communicava do andar terreo, onde foi edificado o jazigo, para o primeiro andar do palacio dos Abreus e Freitas, um caixão. Não era natural; não combinava com a declaração do testamento, nem com o caracter religioso dos donos da casa; mas, a despeito de todas estas considerações, consegui que a parede fosse perfurada.

Tempo e trabalho perdidos.

A filha de quem o dr. Gaspar de Abreu fallava não podia deixar de ter nascido do primeiro matrimonio, pois que as duas do segundo matrimonio sobreviveram-lhe por muitos annos; e cómo todos os filhos que o dr. Gaspar teve de sua mulher D. Ursula, morreram meninos, como já vimos, é possivel que essa de quem trata no testamento fallecesse recem-nascida e por baptisar; não resando d'ella, por este facto, o livro dos obitos da freguezia.

Mas o desapparecimento da ossada e do caixão como pódem explicar-se?

Ao sabio criterio do leitor deixo a resposta, porque eu não sei dál-a.

*

SEGUNDA PARTE

Logo que se divulgou na cidade a nova do apparecimento d'estas ossadas e corpos dessecados, principiou a romaria para o cemiterio oriental; e, como é d'uso, levantou-se a voz de que todos quantos ali estavam eram santos.

Qual, devotamente ajoelhada junto ao caixão de D. Josefa, preparava a occultas a tesoura para lhe cortar uma madeixa da trança loura: qual, beijando a botina de D. Maria, se persignava com ella. Este offerecia pelo rosario de D. Joanna o peso d'elle em oiro, tantas quantas vezes lh'o exigissem: aquella, osculando, quasi em extasi, o rosto da mesma D. Joanna, arrancava-lhe com os dentes um pedaço da pelle do queixo!! e retirava-se satisfeita com a sua consciencia e com a sua esperteza, julgando que se compozera com o Deus, a quem provavelmente offende com a mesma estupida semcerimonia com que profanou aquella defunta.

Ai do paiz que não tem, ou não respeita a sua religião; mas se estes estravagantes exageros se innoculassem no espirito do povo, se o que tem explicação em causas naturaes fosse por todos attribuido á intervenção do céo, ai do paiz tambem! porque o fanatismo o agrilhoaria escravo aos pés dos hipocritas.

Não só para complemento d'esta noticia, mas para abrir á luz os olhos dos que não comprehendem como possa apresentar-se um caso tal, sem que ande n'elle mais alta origem do que a verdadeira; pedi ao sr. Antonio Augusto de Aguiar, competentissimo na materia que eu ignoro, apontamentos que podessem guiar-me na satisfação d'este intuito.

Mandou-m'os: e são de tal ordem que eu seria um profanador da força d'aquella beata que levou a pelle do queixo de D. Joanna, se ousasse tocar-lhes e fizesse outra cousa que não fosse publical-os como os recebi. Elles darão a este opusculo a importancia que d'outro modo não alcançaria de certo; como me proporcionaram a occasião de estreitar relações com um dos mais sympathicos e dos mais intelligentes moços da geração actual. Deus tenha em descanço as almas dos Abreus e Freitas, pois que ás ossadas d'elles devi tão grande felicidade.

I

O solo, pela porosidade, temperatura e constituição chimica, póde ter grande influencia na conservação dos cadaveres, encontrando-se, a cada passo, exemplos frisantes, que demonstram claramente a importancia d'estas propriedades.

É principalmente nas grutas calcareas, que se hão colhido numerosas observações a este respeito ; as quaes a imaginação supersticiosa do povo pretende explicar por causas sobrenaturaes. Nas visinhanças de Maestricht, existe uma montanha chamada de S. Pedro, d'onde se explora, haverá talvez 15 seculos, um calcareo brando. Estas pedreiras acham-se hoje cortadas por immensas galerias, e representam um verdadeiro labyrintho de 24 kilometros de circumferencia. Em 1831, dois inglezes encontraram n'estas pedreiras um cadaver, isto é, uma mumia verdadeira, no mais completo estado de dessecação, e conservada ali pelo ar secco, e pela ausencia dos insectos. O vestuario da mumia, perfeitamente intacto, dava direito a suppôr-se, que a época da sua morte fôra pouco mais ou menos no meado do seculo 18.°, e a contracção dos musculos fazia crêr que um viajante, perdido n'aquelle espantoso dedalo de galerias, perecera victima da fome.

O carneiro dos monges de Tolosa, o carneiro dos jacobinos d'esta mesma cidade, e a igreja subterranea de Saint-Michau, em Dublin, possuem igualmente a propriedade de mumificar os cadaveres; sendo este phenomeno attribuido, pelos auctores da historia do Languedoc, á presença de grande quantidade de cal, que existiu arrecadada muito tempo n'aquelles subterraneos, emquanto duraram as obras de construcção dos edificios, de que elles fazem parte.

Iguaes phenomenos se tem observado no convento dos Capuchos, proximo a Palermo, muito conhecido na Sicilia pela propriedade maravilhosa de evitar a corrupção. Os despojos humanos, após seis mezes de repouso, nos carneiros do convento, são collocados em galerias subterraneas, em volta

das paredes, que os abrigam por milhares. Jazem ali não só os religiosos da ordem, mas ainda as pessoas nobres, que, depois de mortas, levam o egoismo ao ponto de disputarem, ás leis naturaes, os ultimos despojos da sua vaidade. Todos querem dormir o eterno somno no milagroso carneiro dos filhos de S. Francisco.

Haussez visitou estes piedosos logares em 1833, e affirma, que a indiscripção de um frade, que lhe servira de ciceroni, o poz ao facto do segredo, que previne os effeitos inevitaveis da putrefacção; consiste o segredo na injecção de sublimado corrosivo no interior do corpo, e na applicação externa de uma camada de cal virgem. Se dermos credito ao barão Haussez, não podemos attribuir a faculdade conservadora do carneiro dos capuchos exclusivamente á natureza chimica do solo, e fica provado igualmente que a applicação do bichlorureto de mercurio como antiseptico, é mais antiga do que se suppunha.

II

Muitas são as substancias hoje empregadas na conservação dos cadaveres e das peças anatomicas. O sublimado corrosivo, aconselhado scientificamente por Chaussiez, foi de uso muito geral. Consiste o processo em mergulhar as materias animaes, n'uma solução saturada d'aquelle composto, até que fiquem perfeitamente embebidas. Os corpos, depois d'este tratamento, seccam-se ao ar, tornando-se rebeldes á putrefacção, ao ataque dos insectos e dos vermes. Querendo applicar o processo a um cadaver, é necessario dei-

xal-o em maceração no sal de mercurio, durante 2 ou 3 mezes. Larrey e Ribes conservaram, por este methodo, o corpo do coronel Morland, que foi morto por uma bala, quando commandava uma brilhante carga de cavallaria.

A efficacia do sublimado corrosivo depende da combinação que elle fórma com a materia organica, mas, além do perigo a que fica sujeito o operador, que tem de manipular com um sal tão venenoso, aquelle composto, em contacto com as carnes, endurece-as, dando-lhes apparencia cornêa; ennegrece-as depois, alterando-as profundamente, em virtude da acção chimica que sobre ellas exerce.

Por este motivo, Baldaconi de Vienna de Austria o substituio pelo sal de Alembroth (chlorureto duplo de mercurio e ammonio). Os objectos submettidos á sua influencia adquirem, no fim de alguns dias, a rigeza da pedra, sem deformação, nem perda das côres naturaes.

Varios compostos metallicos podem ainda substituir o sublimado corrosivo; entre outros devem citar-se os seguintes: o alumen, o sulfato de peroxydo de ferro, o chlorureto e o sulfato de manganesio, o chlorureto de zinco, o perchlorureto de estanho, o acido chromico e o bichromato de potassio, o acetato, sulfato e chlorureto de aluminio, o hypomepto de zinco, o acido arsenioso, o sulfito de sodio, e o sulfato de zinco.

Até 1830 o unico methodo conhecido, para utilisar estas substancias conservadoras, consistia em formar com ellas banhos de immersão para as substancias alteraveis; variando o tempo de contacto segundo a maior ou menor força antiseptica do reagente. Este methodo sem duvida aproveitavel para as peças anatomicas, e em ge-

ral para os objectos de pequenas dimensões, era de todo o ponto defeituoso senão impraticavel com animaes inteiros.

O Dr. Tranchina de Napoles, e Gaunal de Paris levantaram a difficuldade, mostrando que, em vez de banhos de immersão, se consegue igual resultado e com insignificante despeza, fazendo penetrar o liquido conservador no interior dos tecidos. Faz-se a injecção, com uma pequena seringa, no systema arterial pelas carotidas, e o preservativo insinua-se pela extremidade do systema capillar em todas as partes do corpo, para se espalhar depois, por embibição, a todos os pontos que não foram penetrados.

Com o descobrimento d'este processo, acabaram as mutilações dos cadaveres; tornou-se desnecessaria a extracção das visceras, e no caso dos despojos serem humanos, evitam-se as profanações, de que se podia accusar o antigo systema.

No methodo de injecção como no de immersão, as substancias chimicas não tem todas o mesmo valor.

Os saes de alumina paralysam a putrefacção, mas o effeito d'elles é temporario e muito curto; o acido arsenioso gosa de maior efficacia; comtudo é um violento veneno, e tão perigoso como o sublimado corrosivo que já condemnámos por isso mesmo. O melhor, ou pelo menos o que está sendo preferido na actualidade, é o chlorureto de zinco em solução de 40 graus, seis litros d'esta combinação conservam um cadaver, e este, exposto depois da injecção ao ar livre, sécca naturalmente, não espalha cheiro nenhum, e por fim disputa á madeira e á pedra a natural rigeza d'estas substancias.

Mais ainda, comquanto o methodo de que se

vai fallar, não seja tão frequente nem tão facil.

O proprio cadaver póde ser convertido em estatua por meio do galvanismo. Michiels, de Anvers, em 1843, ensaiou a deposição dos elementos metallicos sobre as substancias animaes, como se faz sobre a pedra, sobre o gesso, ou sobre a madeira. Cobriu de cobre, por intermedio da pilha, varias peças anatomicas, subtrahindo-as á decomposição. Reproduziu a fórma dos corpos, as menores rugas da epiderme, as feições, os gestos! — Modelou em cobre a ultima agonia do passamento, a derradeira expressão de dôr que nos arrebata a vida! E, para evitar a oxydação, cobriu de oiro este espectaculo tristissimo!

No seculo 17, o celebre anatomico hollandez, De Ruysch, conheceu o meio de conservar os cadaveres, *com toda a apparencia de vida*, sem dessecação apreciavel. Em tranquillo somno pareciam os mortos, conservados por este sabio. Dos seus processos não resta nenhum vestigio. Ruysch vendeu em 1717 o seu gabinete, e as suas mumias ao czar Pedro; porém, o navio, que conduzia á Russia tão curiosa collecção, foi victima de um naufragio antes de haver chegado ao seu destino.

As mumias do Egypto, que teem de existencia seguramente mais de quatro mil annos, demonstram, que a arte de embalsamar attingira, n'esse povo illustre e instruido, um grau de perfeição bastante notavel.

Já, n'essa época, havia dois methodos, que se inventaram de proposito para os pobres e para os ricos. Conta Herodoto, que o methodo, mais economico, praticado pelos egypcios — o methodo dos pobres — se reduzia a uma injecção de um

liquido caustico, que dissolvia os intestinos, e á immersão do corpo, por espaço de 70 dias, n'uma dissolução saturada de natrão — efflorescencias salinas dos lagos salgados, principalmente compostas de serquicarbonato de soda. Punham depois o cadaver a *escorrer*, lavavam-n'o, e seccavam-n'o. Em alguns casos, o corpo era ainda introduzido n'um banho de asphalto fundido, que penetrando todos os tecidos os tornava negros, pezados e de cheiro repugnante.

Eram assim as mumias que os arabes vendiam aos Europeus, tiradas dos tumulos da celebre Memphis.

O processo dos ricos era acompanhado de maiores precauções. Apoz a extracção das visceras, lavavam-nos com vinho de palmeira, recheiavam-nos de pós aromaticos e asphalto, polvilhando-os de natrão. Decorridos 70 dias, tornavam a laval-os, seccavam-nos, e depois embrulhavam-nos em fachas ou cintas de linho empregnadas de resina *commi*. Pintados porfim, e carregados de hieroglyphos eram mettidos em estojos de madeira com a fórma humana.

III

Pela summaria descripção que fizemos dos differentes methodos de conservação dos cadaveres vê-se que até á época do ultimo fallecimento dos individuos encontrados no carneiro da ermida de S. Pedro d'Alcantara, apenas se conhecia os methodos de immersão. O sublimado corrosivo, que parece ser um dos antesepticos mais remotamente aproveitados, não póde sup-

por-se que haja sido empregado; nem tambem é provavel, que no seculo XVII nos tivesse cá chegado o segredo dos capuchos de Palermo, que Haussez divulgou em 1831. Ainda assim, se o sublimado corrosivo tivesse sido empregado como anteseptico, mui diverso seria, necessariamente o *facies* das nossas mumias; e outro tanto succederia, para peior, se alguem se lembrasse dos processos dos egypcios para o caso em questão.

Portugal, que ainda hoje desconhece, tirando um limitado numero de pessoas, os descobrimentos chimicos e as applicações mais notaveis das sciencias experimentaes, não podia por certo, ha duzentos annos, estar ao facto de um processo especial de conservação, que não fosse do dominio das outras nações; e ainda mesmo que o estivesse, não era então crivel que elle fosse exclusivamente applicado á familia dos Abreus e Freitas, durante o longo periodo de 69 annos (1659-1728).

Todavia se a conservação dos cadaveres não se póde explicar pelo emprego de meios artificiaes, de que o homem dispõe, nem por isso devemos explical-a por causas sobrenaturaes, que as idéas supersticiosas de muitas imaginações exaltadas ou fanaticas lhe teem querido attribuir.

Todos os cadaveres, e referimo-nos agora unicamente aos sete, melhor conservados, estavam envoltos dentro dos caixões, n'uma espessa camada de cal. Esta substancia ao abrir do carneiro, e no acto de examinar os caixões, achou-se quasi petreficada, e tão rija, que foi mister em alguns casos, levantal-a por meios mechanicos. A cal primitiva havia-se convertido, tal-

vez na totalidade, em carbonato de cal; formando este um revestimento ao cadaver, mui pouco permeavel ao ar e á humidade.

A analyse qualitativa d'uma porção d'este revestimento, tirado ao acaso, e nesta parte pouco podemos adiantar porque o exame scientifico d'este assumpto exigia outros trabalhos e investigações, não apresenta indicios de nenhuma substancia, cuja existencia se não possa naturalmente explicar. Contém muito acido carbonico, grande quantidade de materia organica, areia, oxido de ferro, acido phosphorico, vestigios de alumina e alkalis; emfim, corpos provenientes de cal que se empregou, e essa parte dos despojos dos mesmos cadaveres. Em vista do que sabemos ácerca dos embalsamamentos, nenhum outro corpo seria rasoavel procurar ali; todavia, para levantar qualquer duvida sobre a existencia de antesepticos inorganicos, foi a solução ainda, depois de filtrada, submettida ao processo geral da analyse, e este não revelou nem mercurio, nem arsenico, nem zinco ou outra qualquer substancia d'esta cathegoria. Este trabalho era desnecessario, porque, embora os cadaveres tivessem sido preparados, já se vê que as soluções metallicas tendo entrado em combinação com a materia organica, só nos tecidos das mumias se deveriam procurar; e, para tal ensaio, seria até certo ponto necessario profanar aquelles restos.

Posta a questão nestes termos, e não discutindo, porque não vale a pena fazel-o, se os cadaveres foram ali encerrados com materias aromaticas e outras especiarias, coisas de pouco valor para explicar a conservação, devemos procurar a explicação do facto n'outras causas que

nos parecem, apesar do exame superficial que fizemos, faceis de descortinar.

O carneiro, em que foram encontradas as mumias, está situado por baixo da capella mór da pequena ermida de S. Pedro d'Alcantara a Santa Apolonia; servindo de entrada para elle uma lage movel, collocada do lado direito da dita capella. As paredes do carneiro limitam um espaço rectangular, cujos lados maiores medem 5,^{m}15 de comprimento, e os menores 3,^{m}10, sendo a altura do carneiro, desde o chão até á abobada, 4,^{m}35. A espessura de suas paredes não é inferior a 1,^{m}24; tendo de grossura a abobada, na parte accessivel e lateral, apenas 0,^{m}8.

O chão é formado de entulho, e a um metro de profundidade encontra-se um terreno arenoso aonde, além de pequenas laminas de mica, se destacam grãos de quartzo, cujas dimensões attingem em muitos casos os de um grão de milho. As paredes, compostas de grossas pedras de calcareo, implantado de courlias, ligadas por argamassa, estão interiormente revestidas de reboco ordinario, que em alguns pontos se vê perfeitamente liso, e n'outros grosseiramente applicado.

Do lado norte do carneiro havia uma pequena bancada, sobre a qual foi encontrado um dos caixões, e na mesma parede d'esse lado ha vestigios de aberturas, que não interessavam toda a espessura d'ella, talvez destinadas para segurar as traves, que deveriam suspender prateleiras, aptas a receberem os restos mortaes dos senhores d'aquella casa.

Afóra este accidente, apenas se nota na parede opposta duas ou tres pequenas frestas, que

hoje estão completamente tapadas. Os caixões, excepto o que foi depositado sobre a bancada da parede, estavam dispersos sobre o chão do carneiro. Este recinto fica inferior ao nivel do solo, pelo lado da calçada de Santa Apolonia, e superior ao terreno adjacente, pelo lado sul, onde antes do caminho de ferro chegava o rio.

O carneiro está proximamente no centro do edificio, circumdado por casas, algumas espaçosas que tiveram diversas applicações, e por tal fórma vedado em todas as suas partes, que parece um recinto escondido e segregado a todas as influencias exteriores; um verdadeiro sepulchro, no interior d'uma habitação de vivos; uma fortaleza de muralhas arrojadas, apenas accessivel pela lage da capella; uma morada de silencio eterno em meio do bulicio d'uma grande cidade.

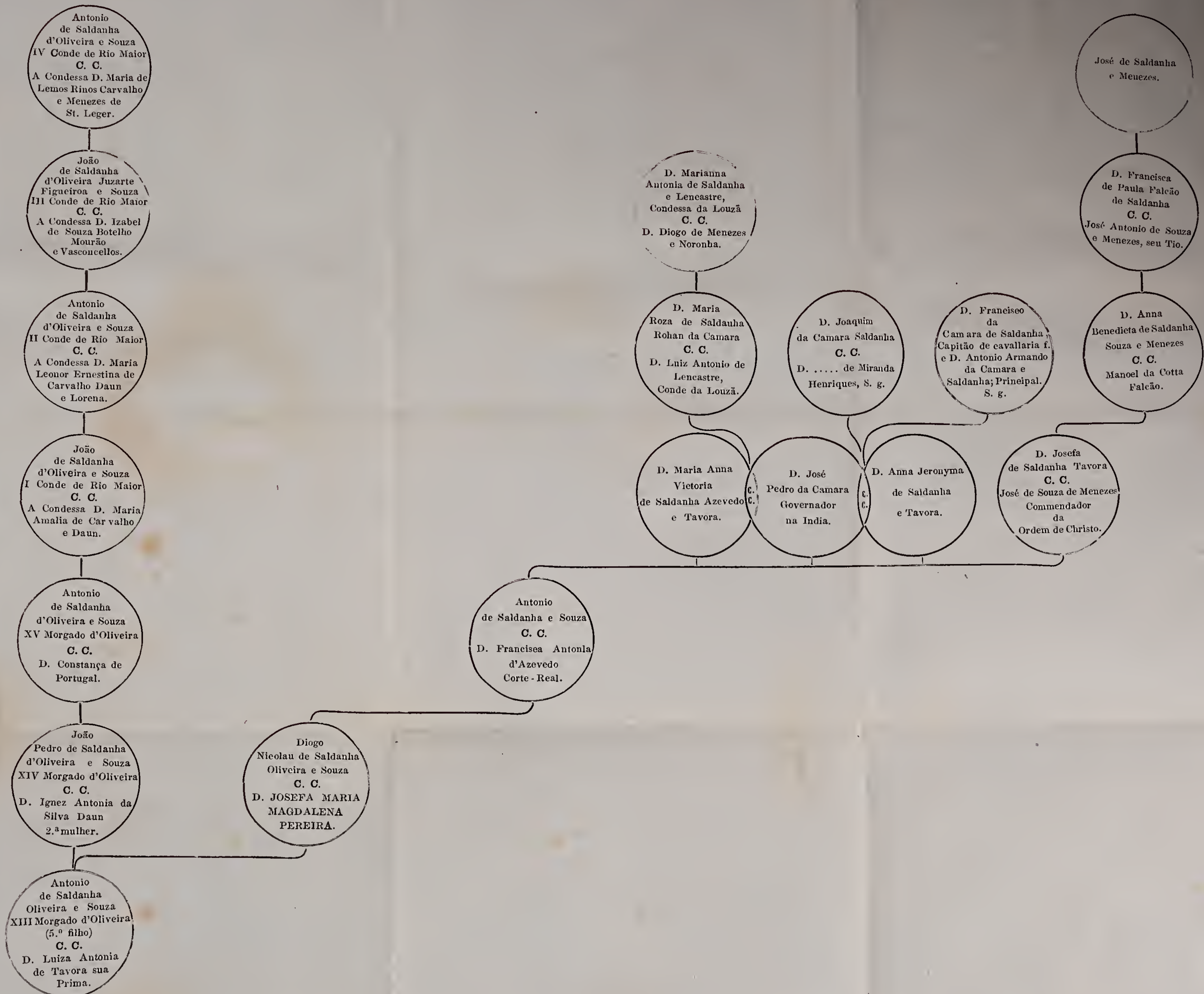
Ás peculiares condições d'esta caverna artificial, se deve attribuir, em grande parte, o phenomeno, e tambem ao *acondicionamento* dos cadaveres, sendo a cal por sua naturesa um agente de conservação. N'este cofre, que se póde dizer, á prova da putrefacção, foi a temperatura a ausencia de vermes e de insectos; a pouca ou nenhuma renovação do ar; o seu estado hygroscopico; a natureza do terreno e dos materiaes de construcção; a situação especial do carneiro em parte soterrado, que causaram esse resultado que tem sido a admiração de Lisboa inteira; e a estas influencias, que de tempos a tempos podiam variar, ainda que dentro de estreitos limites, deve juntar-se a influencia devida á presença da cal, que obrou como preservativo.

Aquella espantosa quantidade de cal que ser-

viu de leito aos cadaveres, e mais tarde lhes copiou as fórmas, e se converteu em molde, explica bem o que se não poder explicar pelas condições da casa. E explicam tudo ambas as coisas reunidas, por mais inexplicavel que pareça este phenomeno ás pessoas estranhas á sciencia.

Teve a cal um grande papel neste prodigio, já absorvendo a humidade, e os gazes da putrefacção incipiente, os productos da decomposição das visceras, e dos liquidos do organismo; já endurecendo a pouco e pouco pela fixação do acido carbonico, impedindo depois o accesso do ar, e offerecendo a sua propria substancia aos agentes da putrefacção, antes d'elles poderem tocar nos despojos preciosos, que a piedade humana lhes havia dado á sua guarda.

Conserva-se o ferro isempto de ferrugem, no seio da cal, e os Abreus de Freitas gosaram d'este previlegio, como se foram uma geração de aço!


Antonio de Saldanha d'Oliveira e Souza IV Conde de Rio Maior C. C. A Condessa D. Maria de Lemos Rinos Carvalho e Menezes de St. Leger.
João de Saldanha d'Oliveira Juzarte Figueiroa e Souza III Conde de Rio Maior C. C. A Condessa D. Izabel de Souza Botelho Mourão e Vasconcellos.
Antonio de Saldanha d'Oliveira e Souza II Conde de Rio Maior C. C. A Condessa D. Maria Leonor Ernestina de Carvalho Daun e Lorena.
João de Saldanha d'Oliveira e Souza I Conde de Rio Maior C. C. A Condessa D. Maria Amalia de Car valho e Daun.
Antonio de Saldanha d'Oliveira e Souza XV Morgado d'Oliveira C. C. D. Constança de Portugal.
João Pedro de Saldanha d'Oliveira e Souza XIV Morgado d'Oliveira C. C. D. Ignez Antonia da Silva Daun 2.ª mulher.
Antonio de Saldanha Oliveira e Souza XIII Morgado d'Oliveira (5.º filho) C. C. D. Luiza Antonia de Tavora sua Prima.
Diogo Nicolau de Saldanha Oliveira e Souza C. C. D. JOSEFA MARIA MAGDALENA PEREIRA.
Antonio de Saldanha e Souza C. C. D. Francisca Antonia d'Azevedo Corte-Real.
D. Marianna Antonia de Saldanha e Lencastre, Condessa da Louzã C. C. D. Diogo de Menezes e Noronha.
D. Maria Roza de Saldanha Rohan da Camara C. C. D. Luiz Antonio de Lencastre, Conde da Louzã.
D. Joaquim da Camara Saldanha C. C. D. ..... de Miranda Henriques, S. g.
D. Francisco da Camara de Saldanha Capitão de cavallaria f. e D. Antonio Armando da Camara e Saldanha; Principal. S. g.
José de Saldanha e Menezes.
D. Francisca de Paula Falcão de Saldanha C. C. José Antonio de Souza e Menezes, seu Tio.
D. Anna Benedicta de Saldanha Souza e Menezes C. C. Manoel da Cotta Falcão.
D. Maria Anna Victoria de Saldanha Azevedo e Tavora.
C. C.
D. José Pedro da Camara Governador na India.
C. C.
D. Anna Jeronyma de Saldanha e Tavora.
D. Josefa de Saldanha Tavora C. C. José de Souza de Menezes Commendador da Ordem de Christo.

